

A CULTURA DO BOTEÇO

Heliana DeWeese*

No Brasil, fim de semana é sagrado, e o ritual já começa no final da tarde de sexta-feira. Os botecos ficam lotados. As mesas se esparramam pelas calçadas, a fumaça das churrasqueiras improvisadas invade as ruas, e aos poucos o grupo vai aumentando até virar um grande encontro de pessoas desconhecidas. Tem coisa mais gostosa que boteco? Brasileiro é botequeiro por excelência. É por isso que em cada esquina tem um. No boteco não há raça, sexo ou credo religioso, tampouco a formalidade das regras. E quem se importa com diferenças, quando a inspiração do encontro é jogar conversa fora? Mas é até possível filosofar entre um chope e outro. Fica a critério do freguês, e convenhamos que nada melhor para relaxar do que uma boa filosofia de boteco, com a sua profundidade de poça d'água.

Saber aproveitar a vida com alegria é uma característica cultural marcante do brasileiro. Não há como não notar o barulhento jeito único que o diferencia dos demais latinos. Aliás, este é um dos primeiros comportamentos que os estrangeiros notam ao pisar em solo brasileiro, ainda que, por conta da simpatia nativa, a hospitalidade e a amabilidade brasileiras fiquem em primeiro plano. Contrariando o estereótipo, brasileiro trabalha duro, mas o final de semana é reservado para recarregar as baterias, e cada um faz como e o que pode. Há quem trabalhe até aos domingos, e mesmo assim não dispensa algumas horas de lazer nas rodas dos botecos.

Brasileiro não precisa de motivo especial para curtir. Alguns trocados para a cerveja, uma caixa de fósforos para o batuque, e está armado o clima de festa. Se não é acaba sendo. A invejável espontaneidade brasileira faz de qualquer encontro um evento. De uma pequena reunião um encontro. De um simples encontro um prazer. Não há convidados, e sim achegados que vão se juntando. Para isso o ponto de partida são os botecos, os botequins, os bares e barzinhos e até a padaria da esquina. Não importa o local quando o programa é diversão.



Para entender essa legítima expressão cultural, basta colocar junto uma boa caipirinha ou uma loura bem gelada e muita animação. Acrescente os populares espetinhos e variadas porções de beliscos. Vale até um saboroso churrasquinho de gato. E que olfato resiste ao apelo aromático de tal improvisação, que joga sem parcimônia seu convidativo cheiro ao ar? Circunde as cadeiras em volta da mesa, e, se o grupo aumentar, espaço não é problema. Avance para as calçadas e arremate o cenário com inspiração musical. Está feito o jogo. As padarias também entram no circuito. Com seu popular PF (prato feito), fazem parte deste particular e diverso mundo de entretenimento, que passa longe de estreitar seus critérios.

BOTECOTERAPIA

Sexta-feira, final do expediente. Chegou o tão esperado momento da semana. É hora de ir para o boteco. Frequentadores assíduos acabam graduados em botecoterapia. O encontro com a turma botequeira é destinado à lavagem da alma, que se desprende do cotidiano estressante de trabalho e de responsabilidades. Afinal, ninguém é de ferro. É nesse universo descompromissado e longe da seriedade do dia a dia que o brasileiro recompõe suas energias para retomar a rotina na segunda-feira. É no boteco que o brasileiro busca refúgio e chora suas mágoas. É aí que ele esquece, ainda que no momento, seus conflitos e problemas, e relaxa sem grandes preocupações. É neste espaço, entre um gole e outro, que ele discute política, futebol e outros temas. É a hora da descontração. De jogar conversa fora com a fofoca de bastidores. É o espaço para colocar o papo em dia e até resolver os rumos do país. Mas, atenção! Sapo de fora não entra. Quem não aprecia uma boa confusão que fique fora da roda. Filosofia de boteco não combina com gente séria.

**Heliana DeWeese é jornalista e relações públicas. Vive entre a Flórida e o Brasil.*

